

RUDYARD KIPLING

MOGLI

O MENINO LOBO

Adaptação

MONTEIRO LOBATO

Edição revista e atualizada



Veríssimo

RUDYARD KIPLING

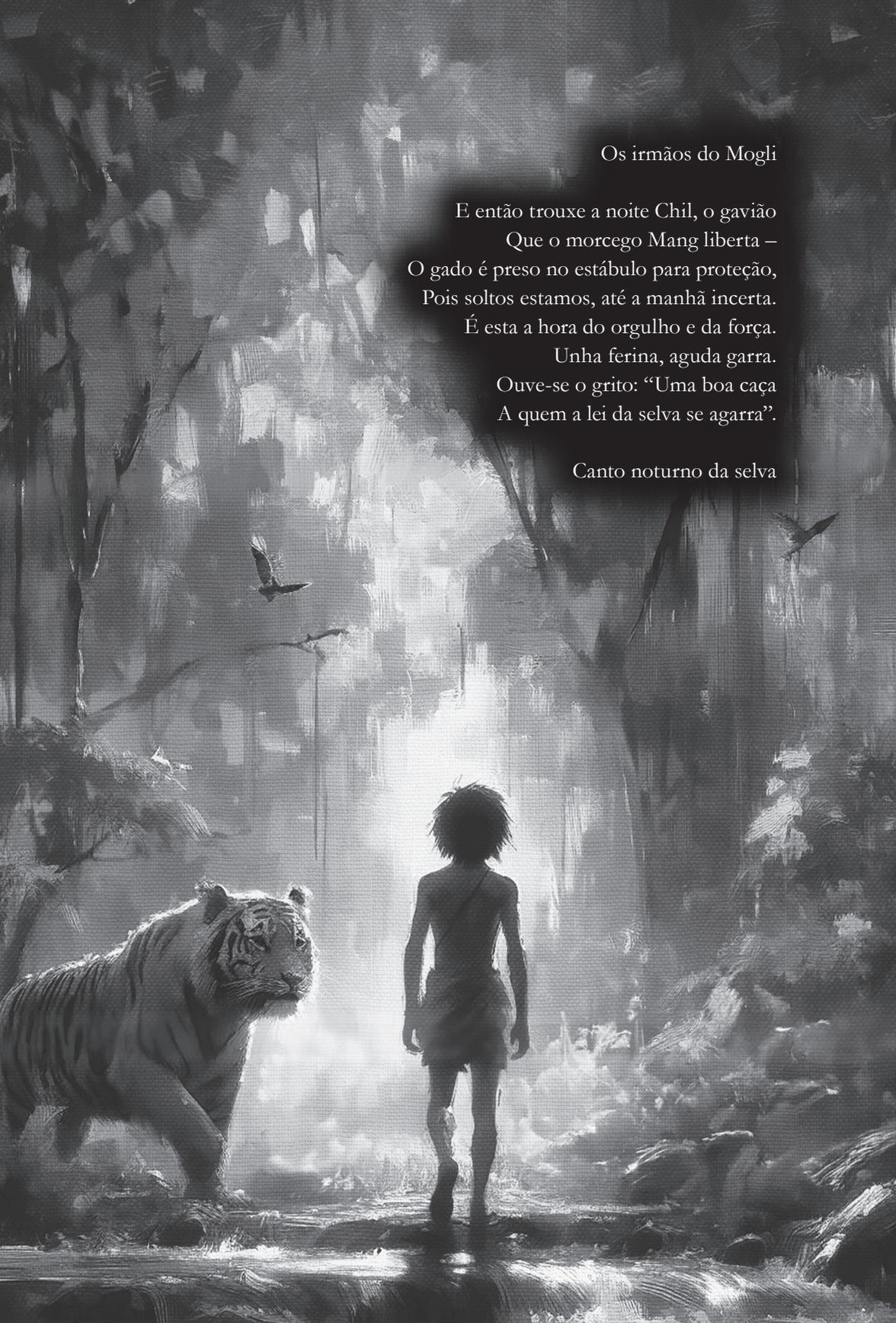
MOGLI

O MENINO LOBO

TRADUÇÃO:
Monteiro Lobato

EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA

Veríssimo



Os irmãos do Mogli

E então trouxe a noite Chil, o gavião
Que o morcego Mang liberta –
O gado é preso no estábulo para proteção,
Pois soltos estamos, até a manhã incerta.
É esta a hora do orgulho e da força.
Unha ferina, aguda garra.
Ouve-se o grito: “Uma boa caça
A quem a lei da selva se agarra”.

Canto noturno da selva



OS IRMÃOS DE MOGLI

Nos montes Seoni, ali pelas sete horas daquela noite tão quente, Pai Lobo despertava do seu longo sono, coçava-se, bocejava e alongava as patas, uma depois da outra, para espantar delas a sensação de cãibra. Deitada ao seu lado, com o focinho cinza entre os quatro filhotes de pernas bambas que ululavam, Mãe Loba tinha os olhos fixos na lua, que, naquele momento, aparecia na boca da caverna onde eles todos moravam.

— Opa! Está na hora de sair de novo à caça — disse Pai Lobo. E estava prestes a deixar a caverna quando um vulto de cauda peluda apareceu na entrada e ganiu:

— Boa sorte para você, ó chefe dos lobos! — exclamou o vulto. — Que além da boa sorte, dentes fortes e brancos acompanhem sua nobre ninhada, para que jamais se esqueçam dos famintos deste mundo.

Era o chacal¹ Tabaqui, o comilão, que os lobos da Índia desprezavam por viver fazendo pequenas maldades e contando mentiras, quando não andava revirando o lixo das aldeias para roer trapos e pedaços de couro. Mas se o desprezavam, também o temiam, porque era chacal, e os chacais facilmente ficam loucos, esquecem o respeito aos mais fortes e correm pela selva mordendo todo animal que encontram. Até o tigre foge, ou se esconde, quando vê o pequeno Tabaqui.

— Entre — disse-lhe Pai Lobo. — Mas desde já aviso que não há nada de comer aqui.

— Não haverá para um lobo — respondeu Tabaqui. — Mas, para uma criatura mesquinha como eu, um osso velho vale por um banquete. Quem somos nós chacais para escolher?

1 Chacal: mamífero feroz, da família dos canídeos, como os lobos e as raposas.

E, dizendo isso, dirigiu-se, guiado pelo faro, a um canto da caverna onde havia alguns ossos de cervo com um pouco de carne que começou a roer alegremente.

— Muito obrigado por esse delicioso petisco — disse Tabaqui, lambendo os beiços. — Que lindos filhos os seus, Pai Lobo! — continuou. — Que olhos grandes! E tão jovens! Não negam serem filhos de rei.

Tabaqui sabia muito bem que não era de bom-tom elogiar uma cria cara a cara e, se daquele modo elogiava os filhotes do lobo, fazia-o apenas para ver o constrangimento causado aos pais. Assim, sentou-se sobre as patas traseiras e ficou um instante calado, apreciando a própria travessura; depois disse, com maldade:

— Shere Khan, o maioral, mudou seu campo de caça. Vai agora caçar por esses montes, foi o que ele me contou.

Shere Khan era o tigre que morava às margens do rio Waingunga, a pouco mais de trinta quilômetros dali.

— Ele não tem o direito de fazer isso! — protestou Pai Lobo, irritado. — Pela lei da selva, não tem o direito de mudar de campo de caça sem avisar aos moradores. A presença de Shere Khan aqui vai espantar a caça num raio de quinze quilômetros, e eu... eu tenho que caçar por dois agora.

— Não é à toa que a mãe de Shere Khan o chama de *Lungri* (o manco) — disse Mãe Loba. — Ele nasceu manco de uma pata; por isso só se alimenta de gado. Agora, como os habitantes humanos do Waingunga andam furiosos com ele, então ele veio para cá enfurecer também os homens desta região. Devemos todos agradecer ao tal Shere Khan!

— Devo contar a ele sua gratidão? — perguntou com ironia o chacal.

— Fora daqui! — berrou Pai Lobo, enfurecido com a impertinência. — Vá caçar com o seu mestre, já nos aborreceu o bastante por hoje.

— Vou, sim — respondeu Tabaqui, muito calmo. — Já estou ouvindo os passos dele por entre os arbustos.

Pai Lobo empinou as orelhas. De fato, distinguiu, vindo do vale por onde corria um riacho, o bufar furioso de um tigre que não caçou nada e parecia não se importar que toda a selva soubesse disso.

— Doido! — exclamou Pai Lobo. — Começar sua caçada noturna bufando dessa maneira... Será que pensa, por acaso, que os cabritos monteses desta região são os bezerros gordos do Waingunga?

— Xiu! Ele não está caçando bezerro nem cervo — advertiu Mãe Loba. — Está caçando homem...

O barulho se transformou numa espécie de ronronar cantarolado que parecia vir de todos os quatro cantos. Era o ruído que desorientava os lenhadores e ciganos que dormem ao relento, fazendo-os correr, às vezes, justamente em direção à boca do tigre.

— Caçando homem! — repetiu Pai Lobo, com os dentes arreganhados. — Esse tigre não tem rãs e besouros o suficiente nos pântanos para inventar de caçar homens, e logo na nossa área?

O ronronar do tigre ficou mais alto, e terminou, enfim, em um urro: sinal de bote. Em seguida, ouviu-se um uivo de desapontamento de Shere Khan.

— Errou o pulo — disse Mãe Loba. — O que terá acontecido?

Pai Lobo correu para fora e logo parou para ouvir melhor os urros feroces de Shere Khan que uivava como se houvesse caído numa armadilha.

— O doido se atirou em uma fogueira de lenhadores e queimou as patas — respondeu Pai Lobo, num rosnado. — E Tabaqui está com ele — completou depois, ouvindo de longe o que se passava.

— Algo se aproxima — disse Mãe Loba, empinando uma orelha. — Atenção!

Também ouvindo um rumor na folhagem, Pai Lobo ficou de bote armado para o que desse e viesse. Aconteceu então uma coisa linda: um bote que se deteve a meio caminho. Porque o lobo iniciara o pulo antes de saber do que se tratava e, já no ar, vendo o que era, recolheu o resto do pulo, voltando à posição anterior.

— Homem! — exclamou Pai Lobo. — Um filhote de homem!

Em frente a ele, de pé, apoiado em um galhinho baixo, havia um menino nu, de pele morena, que mal começara a andar: o pequenino mais fofo e com covinhas que já aparecera em uma caverna de lobo à noite. O menino olhava para Pai Lobo, sorrindo.

— Filhote de homem? — repetiu de longe Mãe Loba. — Nunca vi um. Traga-o para cá.

Acostumados a lidar com as suas próprias crias, os lobos conseguiriam levar um ovo na boca sem quebrá-lo; por isso, Pai Lobo pôde trazer o menino suspenso pela nuca e colocá-lo no meio da sua ninhada, sem lhe causar o menor arranhão.

— Que pequenino! É tão valente! — exclamou Mãe Loba, com delicadeza, enquanto a criança se ajeitava entre os lobinhos para melhor se aquecer. — Ai! — continuou a loba. — Está comendo junto com nossos

filhos, e é um filhote de homem... Será que já houve família de lobos que pudesse se gabar de ver um filhote de homem misturado à sua ninhada?

— Já ouvi falar de coisa assim — disse Pai Lobo. — Mas não em nosso bando nem durante o tempo de minha vida. Não tem nenhum pelo e morreria com um tapinha meu, mas veja! Olha para nós sem medo algum.

Nisso, a caverna escureceu: a enorme cabeça quadrada de Shere Khan bloqueava a entrada. Atrás do tigre vinha Tabaqui, choramingando:

— Meu senhor, meu senhor, ele se meteu aqui.

— Shere Khan nos honra com sua presença — disse Pai Lobo, amavelmente, saudando o tigre, embora a irritação dos seus olhos desmentisse a gentileza das palavras. — O que deseja, Shere Khan?

— Quero a minha caça: um filhote de homem que entrou nessa caverna — respondeu o tigre. — Seus pais fugiram. Entreguem-no!

Shere Khan pulou sobre a fogueira de um acampamento de lenhadores, exatamente como o lobo havia previsto, e estava agora furioso com a dor das patas queimadas. Queria se vingar no menino que conseguiu escapar. Mas Pai Lobo sabia que a entrada da caverna era estreita demais para dar passagem a um tigre e que, portanto, a cólera dele não oferecia perigo nenhum. Mesmo onde estava, as patas dianteiras de Shere Khan estavam apertadas e à procura de espaço, como estaria um homem se tentasse lutar dentro de um barril. Por isso, respondeu:

— Os lobos são um povo livre. Recebem ordens unicamente do líder da alcateia e jamais de um comedor listrado de bezerros. O filhote de homem é nosso, se quisermos.

— Se quisermos! — repetiu com sarcasmo o tigre. — Quem fala aqui em querer? Não vou ficar nessa caverna de cães à sua disposição. Sou eu, Shere Khan, quem fala, ouviu?

E o rugido do tigre encheu a caverna, igual a um trovão. Mãe Loba se aproximou dos seus filhotes, fixando nos olhos acesos do tigre os seus olhos vivos como duas luzinhas verdes.

— Quem responde agora sou eu — disse ela. — Eu, Raksha, a Demônia. O filhote de homem é nosso, *Lungri*, só nosso! Não será levado por você. Viverá para correr pelos campos com o nosso bando e com ele caçar; e, por fim, preste bastante atenção, caçador de crianças, comedor de rãs e peixes, um dia ele vai caçar você! Vá agora! Corra para sua mãe, seu tigre manco! Vá embora!

Pai Lobo a observou assustado. Já quase se esquecera do dia em que conquistara aquela companheira em luta feroz com cinco rivais, no tempo em que a loba vagueava solteira no bando e ainda não recebera o nome de guerra que possuía agora: Raksha, a Demônia.

Shere Khan tinha aguentado o olhar do lobo, mas não pôde suportar o olhar da loba, firme na sua posição e pronta para lutar. Ele retirou da abertura da caverna a cabeça quadrada para, depois de alguns bufos, urrar:

— Todo cão sabe latir de dentro dos canis! Vamos ver o que pensa a alcateia sobre abrigar e defender filhotes de homem.

O tigre se retirou, bufando, e a loba voltou ofegante para o meio da sua ninhada. O lobo disse, então, sério:

— Shere Khan está certo nesse ponto. O filhote de homem tem que ser apresentado à alcateia para que os lobos decidam o que fazer. Você ainda quer mantê-lo conosco?

— Sim — respondeu rapidamente a loba. — Chegou aqui descoberto, de noite, só e faminto. Apesar disso, não demonstrou medo. Olha! Lá está ele puxando um dos nossos filhotes... E pensar que por um triz aquele carniceiro manco não o pegou aqui em nossa presença, para depois fugir para Waingunga, enquanto os camponeses estivessem caçando em nossas terras! Mantê-lo conosco? Mas é claro! — E, voltando-se para a criança: — Dorme sossegada, pequenina rã. Dorme, Mogli, pois assim vou chamá-lo daqui por diante: Mogli, a Rã. Dorme, virá o tempo em que você caçará Shere Khan, como ele quis caçá-lo ainda há pouco.

— Mas o que dirá a alcateia? — indagou Pai Lobo, apreensivo.

A lei da selva permite que cada lobo deixe a alcateia logo que se case. Mas, assim que seus filhotes desmamam, os pais precisam levá-los ao Conselho — geralmente reunido uma vez por mês durante a lua cheia — para que os outros os conheçam e possam identificá-los. Depois dessa apresentação, os lobinhos passam a viver livremente, podendo andar por onde quiserem. E, até que cacem o primeiro cervo, nenhum lobo adulto tem o direito de atacar um deles, por qualquer motivo que seja.

Pai Lobo esperou que seus filhotes desmamassem e, então, numa noite de assembleia, dirigiu-se com Mãe Loba, Mogli e seus filhotes para o ponto marcado: a Rocha do Conselho, um alto pedregoso na montanha, onde cem lobos poderiam se juntar. Akela, o Lobo Solitário, que chefiava o bando devido à sua força e astúcia, já estava lá, sentado na sua pedra, tendo pela frente,

também sentados sobre as patas traseiras, quarenta ou mais lobos de todos os pelos e tamanhos, desde veteranos pardos, que podem sozinhos carregar um cervo nos dentes, até jovens de três anos que acham que podem fazer o mesmo. O Solitário os chefiava há um ano. Após cair em duas armadilhas, quando mais jovem, sabia muito bem da malícia dos homens, suas táticas e jeitos.

Houve pouca discussão no Conselho. Os filhotes que vieram para ser apresentados permaneciam no meio do bando, ao lado de seus pais. De vez em quando um veterano ia até eles, examinava-os cuidadosamente e voltava para o seu lugar, sem fazer barulho. Ou então uma das mães empurrava o filhote para um ponto onde pudesse ficar bem visível, de modo que não escapasse às vistas de toda a alcateia. Do seu rochedo, Akela dizia:

— Vocês conhecem a lei. Olhem bem, portanto, ó lobos, para que mais tarde não haja enganosa.

E as mães, sempre ansiosas pela segurança dos filhos, repetiam:

— Olhem bem, lobos. Olhem bem.

Por fim chegou a vez de Mãe Loba ficar aflita. Pai Lobo empurrava Mogli, a Rã, para o centro da roda, onde o filhotinho de homem se sentou, sorridente, brincando com alguns pedregulhos que brilhavam ao luar.

Sem erguer a cabeça das patas, Akela prosseguia no aviso “Olhem bem, lobos”, quando ressoou o rugido de Shere Khan por trás das pedras:

— Esse filhote de homem é meu! Entreguem-no! O que o povo livre tem a ver com um filhote de homem? — urrou ele.

Akela, não ligou, nem sequer mexeu as orelhas. Apenas ampliou o aviso:

— Olhem bem, lobos. O povo livre nada tem a ver com as opiniões dos que não pertencem ao nosso grupo. Olhem, olhem bem.

Ouviu-se um coro de uivos profundos, do meio do qual se destacou, pela boca de um lobo de quatro anos, que achara justa a reclamação do tigre, esta pergunta:

— Mas o que o povo livre tem a ver com um filhote de homem?

A lei da selva decreta que, se há alguma dúvida em relação à entrada de um filhote na alcateia, ele deve ser defendido por dois membros do bando que não sejam seus pais.

— Quem se apresenta para defender esse filhote? — gritou Akela. — Quem, no povo livre, fala por ele?

Não houve resposta, e Mãe Loba se preparou para o que podia ser sua última luta, caso as coisas chegassem a esse ponto.

A única voz, sem ser de lobo, permitida no Conselho era a de Balu, o sonolento urso pardo que ensinava aos lobinhos a lei da selva; o velho Balu, que podia andar por onde quisesse porque só se alimentava de nozes, raízes e mel. Pois ele se levantou sobre as patas traseiras e grunhiu:

— Quem fala pelo filhote de homem? Eu. Eu falo por ele. Não vejo mal nenhum em que viva entre nós. Posso não saber falar bem, mas estou dizendo a verdade. Deixem-no viver livre na alcateia como irmão dos demais. Balu lhe ensinará as leis da nossa vida.

— Outra voz que se levante — disse Akela. — Balu já falou. Balu, o mestre dos lobinhos. Quem fala pelo filhote, além dele?!

Uma sombra se projetou no círculo formado pelos lobos: a sombra de Baguera, a Pantera Negra macho, da cor da noite, com o eventual reflexo de luz na sua pelagem mostrando suas pintas feito uma seda desenhada. Todos o conheciam e ninguém atravessava seu caminho. Baguera era tão inteligente como Tabaqui, tão corajoso como o búfalo e tão incansável como o elefante ferido. Tinha, entretanto, a voz doce como mel selvagem escorrendo de uma árvore e a pele mais macia do que o veludo.

— Akela e demais membros do povo livre! Não tenho direito de falar nessa assembleia, mas a lei da selva diz que, se há dúvida quanto a um novo filhote, a vida dele pode ser comprada por um certo preço. A lei, entretanto, não declara quem pode ou não pode pagar esse preço. Estou certo?

— Sim, sim! — gritaram os lobos mais moços, que estavam sempre com fome. — Ouçamos Baguera. O filhote de homem pode ser comprado por um certo preço. É a lei.

— Bem — disse a pantera. — Já que me autorizaram, peço licença para falar.

— Fala! Fala! — gritaram vinte vozes.

— Matar um filhotinho de homem é pura vergonha. Além disso, ele pode ser muito útil a todos nós quando crescer. Junto-me a Balu e ofereço o touro gordo que acabo de caçar a menos de um quilômetro e meio daqui como preço para que o recebam na alcateia, de acordo com a lei. Vocês aceitam a minha proposta?

Houve uma exclamação de dezenas de vozes, que gritaram:

— Não vemos mal nisso. De qualquer maneira, ele não vai sobreviver até a próxima estação das chuvas, ou será queimado pelo sol. Que dano nos pode fazer a vida dessa rãzinha nua? Que fique na alcateia. Onde está o touro gordo, Baguera? Aceitamos a sua proposta.

Cessada a gritaria, ressoou a voz grave de Akela:

— Olhem bem, lobos!

Mogli continuava distraído com os pedregulhos, e nem notou quando os lobos vieram para espiá-lo, um por um. Por fim, todos se dirigiram para onde estava o touro gordo, ficando ali apenas Akela, Baguera, Balu e o casal de pais adotivos do menino.

Shere Khan urrava por ter perdido a presa que queria tanto.

— Urra, urra! — rosnou Baguera. — Urra, que daqui um tempo essa coisinha fará você urrar em outro tom, ou eu não sei nada sobre homens.

— Está tudo bem — disse Akela. — O homem e seus filhotes são espartos. Esse poderá nos ajudar muito, um dia.

— Certamente, porque não podemos chefiar o bando toda a vida — completou Baguera.

Akela se calou. Estava pensando no momento em que cada chefe de cada alcateia começa a sentir o peso dos anos. O líder vai ficando sem forças até que outro surge para o substituir.

— Leve-o — disse Akela a Pai Lobo —, e o eduque bem, para que seja útil ao povo livre.

Foi assim que Mogli entrou para a alcateia: à custa de um touro gordo e pelas palavras de Balu.



Pulemos agora dez anos de descrição da vida de Mogli entre os lobos, coisa que daria história para muitos outros livros. Digamos apenas que ali cresceu entre os lobinhos, embora todos ficassem adultos antes que Mogli deixasse de ser criança. Pai Lobo lhe ensinou sobre a vida e o sentido das coisas da selva, em todos os detalhes. Os menores ruídos nas folhagens, o movimento das brisas, as notas do canto da coruja, cada arranhão que a garra dos morcegos deixa na casca das árvores, onde se penduram por um momento, o respingo na água de cada peixinho que dá pulos na superfície: tudo tem muito significado para os animais da floresta.

Quando Mogli não estava aprendendo, sentava-se ao sol para dormir. Depois comia e, depois de comer, ia dormir de novo. Quando se sentia sujo ou suado, nadava nas lagoas da selva e, quando queria mel (Balu lhe ensinara que mel e nozes eram alimentos tão bons como a carne crua), subia nas árvores para colhê-lo nas colmeias. Com Baguera aprendeu a subir em árvores. A pantera costumava saltar sobre um galho e chamar: “Venha, irmãozinho!”. No começo, Mogli subia como uma preguiça, mas, por fim, adquiriu a rapidez e a agilidade de um macaco. Um dia começou a ter o seu próprio lugar no Conselho. Sentava-se entre os lobos e brincava de encará-los fixamente, até que baixassem os olhos. Frequentemente tirava espinhos das patas de seus irmãos lobos. Também costumava descer o morro durante a noite, para chegar perto das aldeias e espiar os homens. Adquiriu, entretanto, uma grande desconfiança dos homens desde que Baguera lhe mostrara uma armadilha feita em certo ponto da floresta, habilmente oculta por folhas secas. O que mais agradava a Mogli era ir com Baguera aos lugares mais fechados da selva, para lá dormir enquanto a pantera caçava. Baguera ensinou-lhe a caçar, como e o que caçar. Os touros, por exemplo, ele tinha que respeitar, porque devia sua entrada na alcateia à vida de um touro.

— Toda a selva é sua — disse Baguera —, e você tem o direito de caçar sempre que se sentir forte o suficiente; mas, por amor ao touro ao qual você deve a vida, poupe o gado, seja ele velho ou novo. Essa é a lei da selva.

Mogli, que sempre o ouvia com respeito, jamais deixou de seguir aqueles mandamentos.

E assim cresceu, e cresceu forte como todas as criaturas que não sabem que estão aprendendo as lições da vida e nada mais têm a fazer no mundo além de comer.

Mãe Loba lhe disse certa vez que Shere Khan não era criatura em quem se podia confiar, e que ele estava predestinado a matar Shere Khan. Um lobinho novo que ouvisse aquilo se lembraria sempre do aviso. Mogli, porém, que, embora se considerasse lobo, era homem, logo esqueceu o comentário.

Shere Khan andava sempre atravessando o seu caminho. À medida que Akela envelhecia e se tornava mais fraco, o tigre mais e mais se aproximava dos lobos jovens, que o seguiam na caça para pegar as sobras — coisa que o Lobo Solitário jamais permitiria, se ainda pudesse manter a sua autoridade dos bons tempos. Por isso Shere Khan os bajulava, dizendo que se admirava de que lobos moços e fortes aceitassem à chefia de um lobo tão velho, acompanhado por um filhote de homem.

— Dizem por aí — dizia ele, em busca de intriga — que, nas reuniões do Conselho, nenhum de vocês ousa sustentar o olhar desse menino... — e, ao ouvirem aquilo, todos os lobos rosnavam, furiosos.

Baguera, cujos olhos e ouvidos andavam por toda a parte, soube da intriga e por várias vezes avisou Mogli de que Shere Khan queria atacá-lo um dia. Mogli ria, respondendo:

— Tenho ao meu lado a alcateia e tenho também você. E tenho ainda a amizade de Balu, que, apesar de preguiçoso, dará bons tapas em minha defesa. Por que, então, ter medo de Shere Khan?

Foi só num dia muito quente que uma nova ideia ocorreu a Baguera, fruto de algo que ele havia escutado. Talvez tivesse sido Ikki, o Porco-espinho, quem lhe houvesse sugerido. Estavam na parte mais fechada da floresta, e Mogli se deitara com a cabeça em repouso sobre o pelo macio da pantera.

— Mogli — disse Baguera —, quantas vezes já disse que Shere Khan é seu inimigo?

— Tantas quanto os cocos que há naquela palmeira — respondeu o menino, que ainda não sabia contar. — Mas e daí, Baguera? Estou com sono, e Shere Khan não me interessa mais do que Mao, o Pavão.

— Não é hora de dormir — replicou a pantera. — Balu sabe disso. A alcateia sabe disso. Os veados, louquinhos que são, sabem disso. E até Tabaqui já avisou você.

— Ora! — exclamou Mogli, com desprezo. — Tabaqui veio até mim, não faz muito tempo, falando que eu era filhote de homem. Agarrei-o pela cauda e o joguei duas vezes contra um coqueiro, para ensiná-lo a ser menos atrevido.

— Isso foi um descuido seu. Embora Tabaqui seja um malfeitor mesquinho, ele teria falado coisas que são importantes para você. Abra os olhos, irmãozinho. Shere Khan não ousa atacá-lo aqui na selva; mas não se esqueça de que Akela está envelhecendo e logo chegará o dia em que não poderá mais caçar um cervo. Ele estará, então, no fim da sua longa chefia. Muitos lobos que você conheceu no Conselho também estão ficando velhos, e a nova geração pensa conforme o que os disse Shere Khan. Todos pensam, como o tigre, que não há lugar na alcateia para filhotes de homem. E logo você será mais que isso... você será um homem.

— E o que é ser um homem? Não poderá um homem viver com seus irmãos lobos na alcateia? — replicou o menino. — Sou da selva, tenho obedecido à lei da selva, e não existe no bando um só lobo do qual eu não tenha

tirado espinhos das patas. Tenho a certeza de que todos me consideram como irmão.

Baguera se espreguiçou, com os olhos semicerrados.

— Irmãozinho — disse ele —, apalpa o meu pescoço.

Mogli obedeceu e, na sedosa pele do pescoço de Baguera, descobriu um ponto pelado e caloso.

— Ninguém na selva sabe que tenho essa marca — essa marca de co-leira. Sim, meu caro irmãozinho, nasci entre homens e foi entre homens que minha mãe morreu, nas jaulas do palácio do rei de Udaipur. Por esse motivo é que o salvei na reunião do Conselho, quando você não passava de uma criancinha nua. E porque também nasci entre homens! Vivi anos sem conhecer a selva. Era alimentado através de barras de ferro, e assim foi até o dia em que me senti plenamente Baguera, a Pantera, e não mais um brinquedo de ninguém. Quebrei os ferrolhos da jaula com um tapa. E justamente porque aprendi muito com os homens é que me tornei mais temível na selva do que o próprio Shere Khan. Não estou falando a verdade?

— Perfeitamente — respondeu Mogli. — Todos na floresta temem Baguera. Todos, exceto Mogli!

— Oh, você é um filhote de homem — respondeu Baguera com ternura —, e, assim como retornei para a selva, você retornará um dia para os homens, para seus irmãos, se sobreviver a um ataque no Conselho...

— Por quê? Por que alguém vai querer me atacar aqui? — perguntou o menino.

— Olhe para mim — respondeu Baguera.

E Mogli o olhou firme nos olhos, fazendo com que a pantera desviasse a cabeça em menos de meio minuto.

— Por isso mesmo — respondeu ele. — Nem eu, que nasci entre os homens e tenho amor por você, posso sustentar a força dos seus olhos, irmãozinho. Os animais não gostam de você porque não podem sustentar o seu olhar, porque você é inteligente, porque sabe a arte de arrancar espinhos das nossas patas, porque é homem.

— Eu não sabia dessas coisas — disse Mogli com tristeza, franzindo a testa com suas sobrancelhas grossas.

— O que manda a lei da selva? Primeiro, dar o bote; depois, cantar a vitória. Pelo seu desprezo a esse mandamento eles sabem que você é homem. Mas seja cuidadoso! Imagino que, no dia em que Akela errar pela primeira

vez o bote (e é já com esforço que ele evita isso), a alcateia inteira se voltará contra ele e contra você. O Conselho se reunirá lá na Rocha e então...

Dizendo isso, Baguera se ergueu com um salto, agitado. E continuou:

— Vá depressa lá embaixo, na aldeia, e traga a flor vermelha que cresce em todas as casas. Assim, quando chegar o dia em que tiver necessidade de um amigo mais forte do que Baguera ou Balu, ou aqueles da alcateia que te amam, você terá a flor vermelha.

Para Baguera, a flor vermelha significava fogo, esse elemento de que as criaturas da selva têm um medo profundo, que nomeiam e descrevem de mil formas diferentes.

— A flor vermelha! — replicou Mogli, pensativo. — A flor vermelha que cresce nas cabanas durante a noite! Sim, trarei uma muda...

— Bravo! — exclamou a pantera. — Desse modo deve falar um filhote de homem. Não se esqueça de que essa flor cresce em pequenos fogareiros. Traga-a e conserve-a em um deles, para que permaneça viva até o momento necessário.

— Muito bem — disse Mogli. — Mas você tem certeza, meu querido Baguera — disse passando o braço em torno do lindo pescoço da pantera e olhando-o no fundo dos olhos —, de que Shere Khan está fazendo tudo isso?

— Pelo ferrolho quebrado que me libertou, tenho certeza, irmãozinho.

— Então, pelo touro que foi dado em troca da minha liberdade, acertarei as contas com Shere Khan e o farei pagar um pouco mais do que deve! — concluiu Mogli, e se afastou, decidido.

— É um homem, um homem em tudo! — murmurou Baguera, com prazer. — Shere Khan, que mau negócio você fez há dez anos, quando tentou caçar essa rãzinha!

Mogli correu pela selva com o coração ardendo. Alcançou a caverna dos lobos ao cair da noite e, tomando fôlego, lançou os olhos para o vale, lá embaixo. Os lobinhos não estavam ali. Mãe Loba, porém, no fundo da caverna, reconheceu logo, pelo modo de Mogli respirar, que algo perturbava o espírito da sua rã adotiva.

— O que foi, filho? — perguntou ela.

— In trigas de Shere Khan — respondeu Mogli, acrescentando: — Vou caçar esta noite nos arredores da aldeia — declarou, e se afastou morro abaixo, rumo ao vale.

Em certo ponto parou, ao ouvir barulhos que indicavam que a alcateia andava caçando por ali. Ouviu o berro de um cervo sendo caçado e, depois, os gritos dos lobos jovens dizendo:

— Akela! Akela! Vamos deixar que o Lobo Solitário mostre a sua força. Vamos nos afastar! Deixem o chefe avançar sozinho. Vamos! Dê o bote, Akela!

E o Lobo Solitário, aparentemente, errou pela primeira vez o bote, porque Mogli ouviu um bater de dentes e o grito de um cervo que derrubava o seu rival a coices.

Mogli não esperou mais. Apertou o passo e seguiu no seu caminho rumo à aldeia, enquanto, ao longe, os uivos da alcateia iam ficando cada vez mais distantes.

— Baguera disse a verdade — murmurou o menino, ofegante, ao alcançar a primeira cabana. — O dia de amanhã vai ser decisivo para o Lobo Solitário e para mim.

Espiou por uma janela aberta e viu o fogo aceso no fogão. Esperou. Viu a dona da casa se levantar de um canto para ir aticá-lo e pôr mais lenha. Quando a manhã veio e tudo lá fora foi envolvido por uma neblina branca e fria, viu o filho daquela mulher se levantar, encher uma vasilha de barro com brasas, colocá-la embaixo do seu cobertor e subir com ela em direção ao curral das vacas.

É só isso?, pensou Mogli. *Se até o filhote da mulher mexe com a flor vermelha, então não preciso ter medo*, e, saindo dali, foi esperar o menino mais adiante, onde pudesse arrancar-lhe das mãos a vasilha de brasas para fugir com ela.

Fez isso num piscar de olhos, deixando o rapazinho berrando de susto.

— Eles são como eu — murmurou Mogli, enquanto soprava as brasas, como tinha visto o menino fazer. — Essa “coisa” morrerá se eu não lhe der comida — completou, pondo sobre as brasas um punhado de gravetos. Na metade da subida, Baguera veio ao seu encontro, com o orvalho da manhã reluzindo como pedras-da-lua em sua pelagem.

— Akela errou o bote ontem — disse a pantera. — Eles o teriam matado naquela hora mesmo, mas também estavam atrás de você. Andaram à sua procura por toda a selva.

— Estive na aldeia dos homens. Agora estou pronto. Veja! — exclamou Mogli, mostrando a panela de brasas vivas.

— Ótimo! Muitas vezes vi os homens colocarem galhos secos em cima disso, fazendo com que a flor vermelha desabrochasse. Você não está com medo, Mogli?

— Não. Por que teria medo? Lembro-me agora, se não é sonho, que, antes de ser lobo, costumava me deitar ao lado da flor vermelha, pois seu calor era reconfortante.

Mogli passou todo o dia sentado em sua caverna, cuidando das brasas. Ele as alimentava com galinhos secos, para ver as chamas crescerem, e, por fim, encontrou um galho maior que o deixou satisfeito. À tarde, Tabaqui apareceu para dizer, com arrogância, que o estavam esperando no Conselho da Rocha. Mogli riu tanto ao ouvir a notícia que Tabaqui se retirou desorientado. E foi ainda rindo que se apresentou à reunião do Conselho.

Lá viu Akela, o Lobo Solitário, não mais sentado em cima mas ao lado da sua pedra – sinal de que a chefia do bando estava aberta aos pretendentes. Shere Khan passeava de um lado para o outro, seguido pelos lobos bajuladores. Baguera veio se sentar junto de Mogli, que tinha entre os joelhos a vasilha de fogo. Quando todos se reuniram, Shere Khan tomou a palavra, coisa que jamais ousaria fazer no tempo da chefia de Akela.

— Shere Khan não tem esse direito — cochichou Baguera para Mogli. — Você precisa dizer isso. Chame-o de filho de cão. Ele vai morrer de medo, você vai ver.

Mogli ficou de pé.

— Povo livre — gritou ele —, então é certo que Shere Khan vai chefiar a alcateia agora? O que um tigre tem a ver com a nossa vida?

— Vendo que a chefia do bando está aberta e sendo convidado a falar... — começou o tigre, mas foi interrompido.

— Convidado por quem? — gritou Mogli. — Somos por acaso chacais que vivem dos seus restos? A chefia do bando é uma questão que só diz respeito a nós.

Houve uivos de “Silêncio, filhote de homem! Deixe-o falar! Shere Khan segue a nossa lei”. Por fim, os lobos mais velhos urraram:

— Que fale o Lobo Morto!

Quando um chefe de bando perde o bote pela primeira vez, passa a ser chamado de “Lobo Morto”.

Akela ergueu a velha cabeça.

— Povo livre — disse ele —, e também vocês, chacais de Shere Khan! Por muitas estações conduzi vocês à caça e nunca nenhum de vocês caiu em armadilha, nem ficou aleijado. Agora confesso que perdi meu bote, mas vocês sabem da conspiração que foi feita. Sabem como tudo foi preparado para que eu perdesse

meu bote. Foi muito bem-feito, reconheço. Agora vocês têm o direito de me substituir neste Conselho. Assim sendo, que venha o que vai pôr fim à vida do Lobo Solitário. Pela lei da selva, é meu direito lutar contra todos, um por um.

Houve um rosnar demorado, pois nenhum lobo se atrevia a lutar sozinho com Akela. Shere Khan, então, urrou:

— Bah! Para que dar atenção a esse pateta sem dentes? Ele está prestes a morrer. É o filhote de homem quem já viveu até demais. Povo livre, lembre-se de que no começo esse filhote era meu, minha presa. Entreguem-no agora. Estou cansado de aturar suas loucuras de homem-lobo. Ele vem perturbando a selva há dez estações. É um homem, um filhote de homem e, eu o odeio!

Então, metade do bando uivou:

— Um homem! Um homem! O que um homem tem a ver conosco? Que vá viver com os homens.

— Para que toda a aldeia de homens se volte contra nós, influenciada por ele? — exclamou Shere Khan. — Não! Entreguem-no. Ele é homem. Bem sabem que nenhum de nós pode sustentar o seu olhar.

Akela ergueu de novo a sua velha cabeça para dizer:

— Mogli comeu a nossa comida. Dormiu conosco na caverna. Caçou para nós. Jamais desobedeceu a uma regra sequer da nossa lei.

— Há ainda uma coisa — completou Baguera. — Paguei por ele o preço de um touro gordo, preço que foi aceito. O valor de um touro não é grande, mas a honra de Baguera vale alguma coisa — concluiu a Pantera Negra, com uma voz macia.

— Um touro! — rosnou um lobo, com desprezo. — Um touro pago há dez anos!

— Nenhum filhote de homem pode viver com as criaturas da selva — urrou Shere Khan. — Entreguem-no para mim!

— Ele é nosso irmão em tudo, exceto no sangue — gritou Akela. — E ainda assim não querem mantê-lo aqui! Na verdade, sinto que já vivi muito. Alguns de vocês são comedores de gado e outros, pelo que fiquei sabendo, seguem Shere Khan na calada da noite para roubar crianças na aldeia. Covardes! É com covardes que estou falando. Ofereço minha vida em troca da vida desse filhote de homem.

— Ele é um homem, um homem, um homem! — urrou a alcateia, da qual a maioria apoiava Shere Khan.

Ao ouvir isso, o tigre começou a sacudir a cauda.

— O negócio agora é com você — disse Baguera a Mogli. — Nada mais temos a fazer, senão lutar.

Mogli se levantou, com a panela de fogo nas mãos. Estendeu os braços, cheio de raiva e mágoa por ter sido lobo por tanto tempo e só agora perceber o quanto os lobos o odiavam.

— Ouçam! — gritou ele. — Chega de discussão de cachorro! Muito já me disseram esta noite para provar que sou homem (justo eu, que desejava ser lobo por toda a vida...). E como sou homem, não os chamarei mais de irmãos e sim, cães, como dizem os homens. O que vocês vão fazer ou não, não é assunto de vocês. É assunto meu. E eu, o homem, trouxe aquela flor vermelha que vocês, cachorros, temem tanto!

Dizendo isso, Mogli derramou as brasas no chão, ateando as chamas em um tufo de folhas secas. A flor vermelha se ergueu rapidamente, fazendo a alcateia recuar aterrorizada. Mogli encostou um galho seco no fogo, até ele se acender e estalar, e o girou acima da cabeça, enquanto os lobos se encolhiam de medo.

— Você é o senhor da situação — murmurou Baguera, em voz baixa. — Salve Akela. Ele sempre foi seu amigo.

Akela, o lobo que jamais pedira um favor na vida, lançou um olhar de dar pena ao menino da selva, ao rapazinho, de cabelos caídos sobre os ombros, cuja sombra, criada pelas chamas, dançava no chão.

— Bem — gritou Mogli, olhando ao redor —, já que vocês são cães, vou voltar para a minha gente. A selva ficará fechada para mim; esquecerei a língua e a companhia de vocês. Serei, porém, mais generoso do que vocês. Porque fui, durante dez anos, um irmão em tudo, menos no sangue, prometo que, quando me tornar um homem entre os homens, não trairei vocês, como me traíram aqui na selva.

E, com essas palavras, Mogli esparramou o fogo com o pé, fazendo subir ao céu algumas faíscas.

— Não haverá confrontos entre a minha gente e a alcateia, mas há uma dívida a ser paga antes que eu vá — gritou, dirigindo-se para Shere Khan, que olhava espantado para as chamas.

Mogli avançou até ele corajosamente, agarrou-o pelo tufo de pelos do queixo (Bagueira o seguia de perto para o que desse e viesse) e disse:

— Levante-se, cão! Quando um homem fala, os cães se levantam!

Shere Khan abaixou as orelhas e fechou os olhos, com medo da tocha que Mogli carregava.

— Vá embora, gato fingido! Quanto aos demais, quero que Akela permaneça aqui e que viva como quiser. Ninguém o expulsará, ouviram?

Mogli moveu a tocha de um lado para o outro, fazendo os lobos sumirem aos uivos. Permaneceram apenas uns dez, que tinham ficado do seu lado, além de Akela e Baguera. Mas, nesse momento, uma coisa esquisita tomou o coração do menino da selva. Vieram-lhe soluços de desespero, e lágrimas rolaram pelos seus olhos.

— O que é isso? — exclamou, sem entender. — Não quero deixar a selva e não sei o que é isso que está acontecendo comigo. Estou morrendo, Baguera?

— Não, irmãozinho. Você está apenas chorando pela primeira vez, uma coisa que só os homens costumam fazer. Estou vendo que você já é um homem, não apenas um filhote de homem. A selva está mesmo fechada para você, de agora em diante. Deixe que as lágrimas caiam, Mogli. Chore, chore...

E Mogli sentou-se e chorou, com uma dor no coração. Ele, que jamais havia chorado em toda a sua vida.

— Sim, irei para o meio dos homens, agora. Mas, antes, tenho que dizer adeus à minha mãe — murmurou, dirigindo-se para a caverna onde a Mãe Loba morava com o Pai Lobo. Lá, chorou novamente, abraçado ao corpo peludo daquela que o criara, enquanto quatro lobinhos novos uivavam de tristeza ao seu lado.

— Não me esquecerão nunca? — soluçou Mogli.

— Nunca, enquanto pudermos seguir um rastro — responderam os lobinhos. — Venha até a base da montanha, sempre que puder. Estaremos lá para brincar com você.

— Volte logo — disse Pai Lobo. — Ó, Rãzinha esperta, não demore para voltar; que nós já estaremos velhos, sua mãe e eu.

— Volte logo — repetiu Mãe Loba, olhando com carinho para Mogli. — E jamais se esqueça de que eu o amei ainda mais do que aos meus próprios lobinhos.

— Virei, sim — respondeu Mogli —, e um dia aparecerei de novo no Conselho. Não se esqueça de mim, mãe. Diga a todos na selva para jamais se esquecerem de mim...

A manhã ia rompendo quando Mogli deixou a montanha, sozinho, rumo à aldeia, onde moravam as misteriosas criaturas chamadas homens.